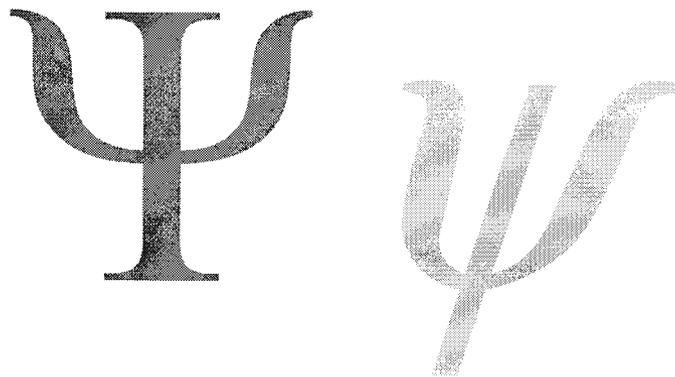


um poema heróico



Psi, a penúltima

Em sendo maiúscula, Ψ é: candelabro,
fogo, luz, glória!

Em sendo minúscula, ψ é: mandacaru,
sofrimento, resistência!

The notice, saiu nos jornais:

A situação do Maciço do Baturité foi exposta ontem pelos técnicos, drs. Fulano e Sicrano.

De acordo com o depoimento de pessoas agredidas, as raposas surgem em bando, geralmente no final da tarde e perto de localidades com água.

São animais magros já apresentando queda nos pêlos.

Os técnicos acreditam que isso aconteça em consequência do desequilíbrio ecológico causado pela Seca.

Os animais, devido ao instinto de sobrevivência, estão migrando de seus territórios para outros.

O surgimento de 11 casos positivos de raposas com raiva, em municípios do maciço de Baturité, fez a Secretaria Estadual da Saúde promover uma reunião de emergência, no Seminário de Guarimiranga.

Dez mil cartilhas serão distribuídas pelos agentes de saúde, ensinando à população como agir em caso de mordida de animais e como evitá-los.

Em linhas gerais, eis a notícia publicada pelos jornais de minha terra, *Diário do Nordeste* e *O Povo*.

Confira, por favor, a notícia, na íntegra:

DIÁRIO DO NORDESTE

Fortaleza, Ceará — Sexta-feira, 12 de novembro de 1993

III Semana da Raiva do Maciço busca obter controle da doença

O surgimento de 11 casos positivos de raposas com raiva, em municípios do maciço de Baturité fez a Secretaria Estadual da Saúde promover uma reunião de emergência, no seminário de Guarimiranga. Aberto ontem pela manhã com término previsto para as 18 horas de hoje, a III Semana da Raiva da região, pretende capacitar profissionais para implementar o controle da doença. Dez mil cartilhas serão distribuídas pelos agentes de saúde, ensinando à população como agir em caso de mordida de animais e, como evitá-los.

Segundo o coordenador dos Zoonoses no Estado, Nélcio Batista de Moraes, a raiva silvestre ainda é um grande problema no Ceará e nos países de primeiro mundo, tais como os Estados Unidos, Canadá, França e Bélgica. Não há prevenção pela vacina em se tratando de raposa, morcego e sagüi. Assim, destaca ser o trabalho de educação em saú-

de o instrumento mais eficaz, sensibilizando o cidadão a evitar o contato.

RAPOSAS EM BANDO

De acordo com depoimentos de pessoas agredidas, as raposas surgem em bando, geralmente ao final da tarde e perto de localidades com água. São animais magros já apresentando queda nos pêlos. Nélcio acredita que isto aconteça em consequência do desequilíbrio ecológico causado pela seca. Os animais, devido o instinto de sobrevivência, estão migrando de seus territórios para outros, gerando, inclusive, ataque entre eles e transmissão maior do vírus da raiva animal.

Os casos de raiva, este ano, foram diagnosticados em Acarape, General Sampaio, Mulungu, Pacoti e Horizonte. Ano passado, foram sete, dos quais 90% concentrando-se em Tianguá. Através do trabalho educativo do 12º Departamento

Regional da Saúde foi possível vencer o ano de 1992, com o foco, e sem ocorrer registro de raiva humana. Em casos de agressão, Nélcio orienta as pessoas a procurarem urgente a unidade de saúde mais próxima, para se submeterem ao tratamento anti-rábico.

A situação do Maciço de Baturité foi exposta ontem, por José Delson Portela de Aguiar e José Eduardo Cabral Maia Júnior. A política de saúde da região foi explorada pelo diretor da 1ª Dire, Raimundo Gomes de Matos. Hoje a abordagem será sobre o diagnóstico laboratorial, de cuja mesa-redonda, Nélcio Moraes, também participa, e a programação se desenvolve ainda com a avaliação dos casos de raiva feita por Francisco Fraga Pereira, concluído com as propostas para implementação do controle de raiva, no Maciço.

CANTO I
DOMINANDO A SERPENTE

Na página anterior,
sintetizei os jornais,
mostro o pau e mostro a cobra
de chocalho,
dezesseis *enrusgas*,
contei e guardei.

Consertava...

— É com cê ou é com esse?

Tanto faz,
água,
água aqui é sempre música,
o pau-da-cacimba do gado,
com o Mitim da dona Cotinha,
areia seca, rio Macacos...
quando ela chegou,
Crotalus terrificus...

naquele tempo!

Matei e enterrei,
buraco do formigueiro.

Os jornais de minha terra
nem souberam, nem disseram...

— E era para saberem?

BBC, Voz da América,
Rádio Tirana, nem um pio...

— E o meu rádio e o meu jornal?

Lá em casa não tinha rádio,
muito menos jornal,
os assuntos eram os de sempre,
de manhã, de tarde e de noite,
comeu, trabalhou, dormiu!

Agora peço licença
para contar o *silibolo*:
é outro pau, é outra cobra,
nem é pau e nem é cobra,
é tudo pau, é tudo cobra!

Raposa? Nunca matei!

Pois lá vai tinta:

CANTO II
A BUSCA

À notícia dos jornais,
corri ravinas, malocas, locas,
espinhos, garranchos,
carrapichos,
buracos, pedregulhos, poeiras, caatingas,
tocas, ocas,
precipícios...

Gritei:

—— αλωπηξ (alopex)?!
 Vulpes?!
 Renard!?
 Renaaaaard ???

Não escutei,
 quase desisti.

Lembrei
 Assis,
 Canindé,
 Francisco:

—— Francisco?!

—— Franciiiiiiiisco!?

—— Fale simples,
 chame a “Comadre”
 (disse o Santo),
 é a senha,
 batei, abrir-se-vos-á!

Do oitão da Basílica, Canindé,
 ao Pico-Alto,
 ao Pico do Caga-Fogo,
 vaga-lumes apagados...

Baturité, maciço,
 às brenhas,
 todas as brenhas...
 Ananias autorizou...

CANTO III
O ENCONTRO

— Comadre Raposa,
oi de casa, sou de paz...

— Diga lá, compadre Chico,
irmão Francisco já avisou...
escutei o compadre chamar
Helade, Latium, Gallia —
sem a senha, jamais responderia...
muito prazer,
sua criada,
a Comadre.

Avistei a Comadre,
esquálida, cinza, fulva...
caídos os pêlos,
magra,
pelagra...

Arrepiei!

Arrepiei!

Três cabelos, pretos, duros,
do Coisa,
ponta do rabo,
a Comadre carrega, dizem.

*Sub
Super
fantástico
extra-sensorial ...!!!*

Quem já viu a Comadre,
vasqueira,
chofre!
Cacimba de praça,
riachote do gado,
tardinha barrenta,
cinza, poeira,
pó:

Pfummm chiiuuufff chiiuuufff

Dentes, rapa-pé, garras, hiato, pizzicato!!!
Arrepio tremido,
espanto!
Um susto:
fugiu!

Cadê?!
Cadê!?

Fumaça:
sumiu!

Se não assustou,
é o próprio Capeta...
ou, finório mentindo,
cabrão disfarçado.

- Foi medão, Comadre!
- Não tema, Compadre,
os três-cabelos,
deixo de lado...

CANTO IV
CONFIDÊNCIAS

- Antes que eu me esqueça,
tá'qui a borracha-de-sola,
o Santo mandou,
agora me diga, Comadre,
é verdade,
tanta coisa que dizem?!
- Compadre Chico, longas queixas,
tiraram séculos de assinatura:
cantadores, poetas, profetas,
escultores, pintores, prosadores
dizem-me bruxíssima,
do Coisa-Ruim.
- Não sou!
Direitos divinos eu tenho,
d'Ele!
"Até a raposa tem sua toca",
Mateus, capítulo oito,
versículo vinte,
faço questão,
vá conferir!

- É tudo inveja, Compadre,
da doação...
d'Ele...!
- Acabem-se os chiqueiros,
destruam-se os currais,
estábulos e pocilgas,
as cavalariças reais,
acabar-se-ão todos, Compadre...
menos a minha toca,
Ele disse:
é da Raposa!
- Daí a inveja.
É tudo inveja, Compadre!
- Lenda também os três-cabelos...
Passe a mão, Compadre:
veludo, maciíssimo...
só um pouco resseco,
da Seca, Compadre.
- É verdade, Comadre, finíssima seda!
- Espertíssima, fabulam,
democrata, mineira, dizem
orçamento, empreiteira, CPI,
fosse verdade, teria eu ficado,
com sede, na sede,
doida, faminta, varrida?
Estaria em França, Suíça, Londres,
circuito das águas...
faminta, jamais aqui!

— Uma injustiça, Compadre,
 Esopo, Fedro, La Fontaine,
 La Bruyère, Exupéry,
 sentenças & aforismos.
 Espertos, eles !
 Pra cima de *moi*,
 zombam de mim,
 tudo inventado, Compadre!

CANTO V

PERSEGUIÇÕES

- Agora, o panfleto,
 veja, Compadre,
 a infâmia!
 Procura-se!
 Bandida!
- O que irá dizer compadre Urubu?
 É quem está *gorrdo*, Compadre!...
 Irmão Francisco teria esquecido,
 não mandou um queijinho para ele?
- Ah, sim, mandou, claro,
 por favor, tome,
 entregue você mesma.
- Meu *daguerre*... Compadre,
 no portão da feira,
 aeroporto, estação do trem!?

— Estou tão magra, arrepiada,
 um *shampoo*,
 uma *mise-en-plis*,
 o *rouge*, Compadre,
 você tem!?

— Dez mil panfletos...???
 é demais, Compadre!
 Estão loucos!
 Eles,
 não eu!

CANTO VI
TALENTOS & INJUSTIÇAS

— Veja, Compadre, a Injustiça:
 Mico-Leão Dourado,
 Baleia, Panda, Peixe-Boi,
 minhas irmãs, Azuis, do Canadá...
 São os Ricos!
 Pobre Raposa Cinzenta...
 Sede, sede e sede!
 Cacimba, cacete, armadilha,
 está doida, dizem!

— Fosse com eles, os ricos,
 nestas brenhas:
 pires-de-leite,
 nectarinas,
 uvas, Compadre!
 até uvas
 já teriam trazido!

— Comadre, confie,
 um dia chove!
 Canapuns, maxixes, melancias,
 rasteiros!
 São seus!

CANTO VII
ENGODOS & ESPERANÇAS

— Compadre, e um rio,
 dizem que vão puxar,
 nome do Santo, irmão Francisco,
 uvas, dizem,
 é só o que tem!
 É verdade, Compadre,
 tem mesmo?

— Moscatel, *champagne*, itália,
 de-mesa, *rosée*, lindas, um mel!
 Do tamanho de um oiti!
 Tem, Comadre, tem!!!

— Maduras, Compadre?

— Sim, Comadre, maduras!

— Compadre,
 com esse tamanho todo,
 devem encostar no chão..... não?
 Aqui só entre nós:
 (*baixinhas*), Compadre?

— Pode confiar, Comadre, bem baixinhas!

— Compadre, é assim mesmo...
tão fácil..... incrível!
Eles não *atrepam* os galhos...
..... por que, Compadre?

— Comadre, é que.....
.....por.. lá...
nem gostaria.....
..... eles...
aca... ..
acabaram.....
com... com as...
com.....
Com com as ra-ra-ra-
raposas!
Acabaram!

ψ

, a Penúltima, minúscula:

*Seca, cardeiro,
mandacaru,
Sofrimento & Desespero.*

— Compadre, deixe esse Rio pra lá...
Sei que você trouxe a máquina,
bata logo o tal retrato,
ande logo, Compadre,
é do meu destino:
vou fugir!

- Comadre, fugir não é destino,
é fugaz alternativa do ficar e lutar...
Não trouxe máquina nenhuma,
nem sei fotografar!
- Esse embrulho, Compadre, o que é?
- É um lençol, Comadre,
do melhor linho...
esses potinhos: incensos, aromas...,
vim preparado, Comadre!
- Preparado para o que, Compadre?
para me embrulhar,
para me vender?
Por que não me beija logo?
Afinal, quem é você?
- Comadre, eu sou Piros...
Acompanho os Heróis,
Francisco não lhe disse?
- Tão manso de coração, o irmãozinho...
Eu o notei preocupado...
Chico Pires, Compadre,
é assim mesmo a sua graça?
- Não deixa de ser também, indiretamente...
Chico, de Francisco, faz parte da senha...
Pires, não é nele que colocam o lume?
O Candelabro,
a penúltima letra...

- Letra?
 que letra, Compadre?
 vão escrever o que no panfleto?
 Todas as mentiras de sempre?
 Por que a penúltima, Compadre?
 A última não seria mais rica,
 o Ω μεγα (o ômega)?!
- A última não existe, Comadre,
 nada é último...
 Só Ele, quando voltar...
 Último acaba... encerra... aniquila.
 Penúltimo, nunca esgota,
 sempre é possível
 criar.....
 criar por sobre.....!!!
 Tudo em aberto, Comadre!
- Compadre, o seu mestre-escola
 não perseguia o Dez?
 Contentar com o Nove, Compadre,
 não seria inferior?
 Estaria o Compadre justificando
 esse um faltante,
 ao discípulo,
 o direito de discordar?
- Comadre, nada é Dez, nada é Ômega,
 já expliquei...
 O correto é Psi, a penúltima,
 sempre tem vaga...
 Ômega é Ele,
 você interpretou direito,
 nunca esqueça,
 fique com o Candelabro!

- Compadre, por que o Candelabro?
vão-me tocar fogo?
Os três cabelos...
Nunca fui bruxa,
é tudo inveja, já disse!
- Não, não, Comadre,
o candelabro é a maiúscula,
o mandacaru é a minúscula...
Veja o brasão:
Ψ ψ, a penúltima,
mas sou Piros,
o Fogo, grego, Comadre!
- Queima o que, Compadre, esse seu fogo?
Tão gentil, abrasa corações?
Um espelho, Compadre,
você tem um?
- É um fogo muito velho, Comadre.
"Eis o fogo e a lenha,
onde está o cordeiro?"
Eu estava lá...,
assisti a tudo, Comadrel!
- Onde mais estive o Compadre?
- Em Varsóvia, no Gueto,
Toledo, Massada, Termópilas,
Canudos, Caldeirão, Calvário ...
Petrogrado, também no Paraguay,

La Moneda, estive com Mandela...
 Corro o mundo todo... a postos...
 Surja um Herói,
 chego junto, erijo o Altar!!!
 Trabalho muito pouco,
 difícil surgir um...
 Senti o cheiro da Glória,
 por isso estou aqui...

— Heróis, Compadre, nem pensar.
 Já disse, vou fugir,
 é do meu destino,
 sempre fugi,
 nunca deixei de fugir!

— Tem sido por isso, Comadre,
 a outorga... d'Ele!
 Ainda assim fugindo...
 Sempre fugindo...
 A vida...?

— Compadre, por favor, não zombe...
 minha fraqueza,
 não basta a Seca, não basta a sede,
 agora também o panfleto,
 o Compadre acha pouco?!
 Agora me diga, Compadre:
 o lençol,
 as essências,
 afinal,
 para quê?

— A Comadre queira dar um basta,
 lute, lute, até o último de seu...
 Estarei aqui, neutro

- nunca intervenho,
 não posso intervir!
 Eu sou o Circo, Comadre,
 o grande Circo,
 eu glorifico,
 só isso,
 eu glorifico!!!
- A Comadre arriscaria tudo,
 a vida, claro,
 risco total,
 mas poderá ganhar...
 Fugindo,
 escrava, escrava, escrava!
 Sempre escrava...
 sempre!?
- Os fabulistas, Compadre, desconfio,
 foram eles,
 pregaram essa peça no Compadre!
 Brigar, como poderei?
 Eles são fortes!
 E se eu morrer?
- CANTO VIII**
AVENIDA COMADRE
- Comadre, dez mil panfletos,
 ninguém jamais escapou...
 Se a Comadre batalhar bravamente,
 mesmo que a despedacem...
 As outras raposas virão
 quando o inimigo se retirar...
 Cheirarão um fraco corpinho,

farão um grande alarido,
 mas dirão:
 Estes caquinhos,
 tão magrinhos,
 é a nossa Comadre!

— Depois, elas sairão, cabisbaixas,
 de luto,
 engrandecidas, porém,
 sempre voltarão!
 Um obelisco,
 um pedr'e-cal,
 letras de bronze:
 A Comadre!

— Muitas raposinhas do próximo inverno,
 de infinitos invernos,
 se chamarão Comadre!!!
 Orgulhosamente:
 Comadre!

— Aquela vereda-maior,
 por onde elas correrão, fegosas,
 folguedos de quando chove,
 onde elas dançarão, viçosas,
 seu alegre *fox-trot*,
 será por todo o sempre:
 Avenida Comadre!!!!!!!

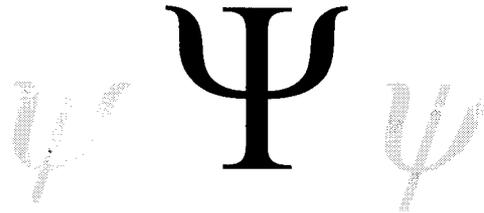
— Aqui estou e aguardarei
 presente-e-ausente,
 a Pira do Herói
 acesa!

Invisível!

Logo após a luta,
bradarei:

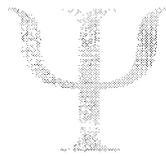
Esta é a Comadre Raposa,
aos Quatro Ventos,
Ad Æternum!!!!!!

— Pegarei, então,
carinhosamente,
ternamente,
todos os seus trapinhos,
todos os seu pêlinhos...
Linda, a Comadre!
Resplandescente!!!!
Sucessivas dobras,
deste lençol de linho,
aromas e essências...!!!



— Uma liturgia sagrada, respeitosamente,
levarei a oferenda a Canindé!!!!
O Santo, doce e solenemente, a receberá;
remeterá, regozijado, a Ártemis,
mais carinhosamente ainda,
com um séquito de Ninfas,
a colocará nos braços de Zeus!
Ele a soltará nas vinhas do Olimpo,
Hosana, nas alturas,
assim tem sido!

CANTO IX
O CIRCO



ou



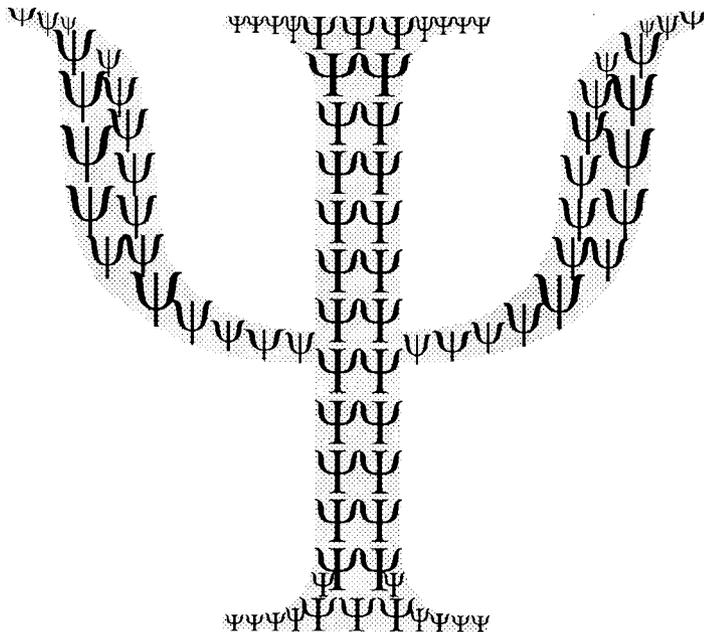
— Agora veja, Comadre,
o lençol é grande,
sou prevenido!

— Não posso intervir,
mas simpatizo,
estou aqui do lado justo!
O outro poderá lutar,
heroicamente, é claro...,
perder ou ganhar, tanto faz...
O ritual heróico será dele!
Imparcial, Comadre,
eis o Circo,
vença,
vença o melhor!

— Quero luta heróica, Comadre!

— O Compadre está louco!
Vão fazer um panfleto,
contra você também, Compadre!!
De onde saíram essas idéias,
de lutar até morrer?
Você é doido, Compadre!!!

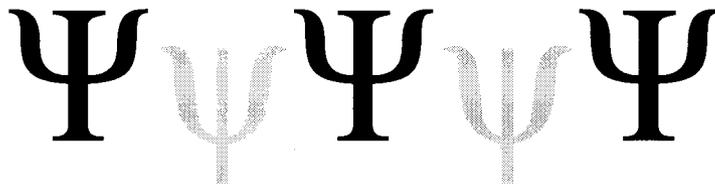
— Comadre, de onde saíram, não sei,
 só perguntando aos Heróis,
 mas, assim tem sido,
 reconhecidos, só eles,
 os Heróis!



Barulho, pisadas, pigarro, chinelas de *currulepo*,
 cacete de vara-pau,
 o homem,
 a Besta:

— Ah, maldita, agora tu me pagas,
 estás toldando a minha água!

- Não estou, compadre Homem,
bebi da borracha-de-sola!
- Alto lá, quero respeito, raposa safada!
Não sou teu compadre!
Vou-te matar,
estás doida!
- Não estou doida, senhor Homem,
tá'qui o atestado,
Adolfo Lutz:
normal!
- Se não estás,
vais ficar!
Vou-te matar de qualquer maneira,
quero a borracha-de-sola,
para jogar
na Loteria dos Dados!



Um pulo, *eriça-riça*, eriçados os pêlos,
todos!!!

Os do rabo também!!!

Um vento, elétrica, magnética, caquética,
a Comadre,
logo quem!?

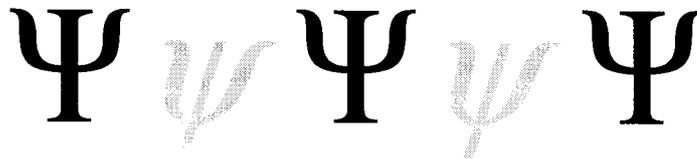
Todos os átomos do Universo...

Big-Bang primordial!

Uníssonos!

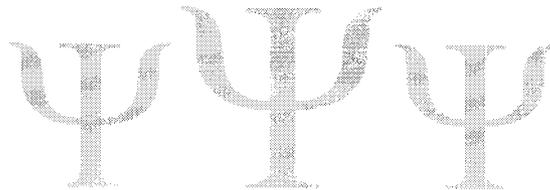
Uníssonos:

— Vá matar o Cão, desgraçado,
desta vez te pego primeiro!



Pernas para que te quero, o valentão!
Sentiu o arranco da Comadre,
mijou-se todo,
fugiu, o covarde!
Num rastro de

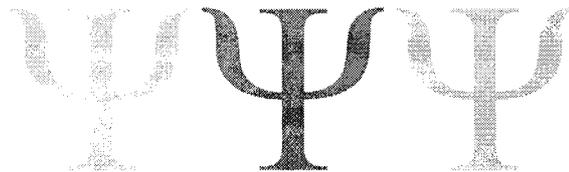
panfletos derramados...



Escureceu e Choveu!!

A chuva,
 hesitante e ventilado borrião,
 ternamente,
 um pingo maior;
 insistentemente,
 um pingo menor;
 a chuva...
 apagou todos os rastros...!!!

Desmancharam-se, nas poças turvas,
 de uma vez e para sempre,
 todos os Panfletos!



Quando parou de chover,
 noite escura ainda,
 Pico do Caga-Fogo,
 urupemba... finíssima...
 peneirando pontinhos de Luz,
 verd'azulados,
 infinitos pontinhos
 apagavam e acendiam...
 infinitamente...

Pico do Caga-Fogo:

I l u m i n a d o ! ! !

Notas sobre Psi, a penúltima:

1. Ψ ψ: 23ª letra do alfabeto grego, a penúltima. Não tem correspondente direto no alfabeto latino, embora alguns a confundam com o Y. Corresponde ao grupo consonantal psi, formando palavras como psicologia, pseudo, psélio, por exemplo. Pronuncia-se **psi**, como em **psicologia**.
2. O símbolo maior é a forma maiúscula; o menor, a minúscula. Neste poema a forma maiúscula será o candelabro, o fogo, a luz, a glória, enquanto que a minúscula simbolizará o mandacaru, o sofrimento — a seca — e a resistência.
3. Em determinados trechos do poema, **psi** aparece em grupo de minúsculas e de maiúsculas, simbolizando o fio da espada, o máximo risco, a fortuna, que tanto poderá pender para o tirano como para o herói!
4. A busca desamparada: ante a notícia da tragédia que se perpetrava contra as raposas, Chico sai em disparada e, sozinho, corre precipicios, ravinas, grotas e garranchos. Nada encontra, posto que, poeticamente, é homem solitário, desprovido de suas crenças, dos seus valores e de suas tradições.
5. Tenta comunicar-se com as raposas na língua dos fabulistas clássicos: primeiro, em grego (αλοπηξ), Esopo, o mais antigo deles; em seguida, em latim, Fedro (vulpes); finalmente, em francês, La Fontaine (renard). Nada consegue com o tal linguajar erudito. Falar com os bichos requer um salvo-conduto de Ártemis, deusa dos animais, para os gregos (Diana, para os Romanos), ou do santo maior, Francisco, o Sublime, de Assis — do Santuário de Canindé, CE — ou, ainda melhor, de ambos!
6. A senha: concluída a busca infrutífera, lembra-se Chico do Santuário, das romarias, da fé, da inabalável fé que sempre sustentou a humanidade... de Canindé, por coincidência, na mesma região limítrofe do Maciço do Baturité, o local da tragédia, cidade santuário dos sertanejos mais pobres, do norte do Ceará. Da calçada da basílica de Canindé avista-se o Pico-Alto e também o Caga-Fogo, local da tragédia.
7. O Santo repreende a Chico: "fale simples". Nada de grego, nada de latim, use o linguajar de sua gente, onde todos são compadres e comadres. Dá-lhe a senha: "chame a Comadre". Não autorizou chamá-la "irmãzinha raposa", posto que esse tratamento é privativo dele, do santo; há que separar, nada de muitas intimidades! Há que cada um ter suas próprias senhas, sua cultura, seus valores, a mensagem do pai (Eric Berne, *in Os Jogos da Vida*). Sem esses valores, não há valores!
8. Pico-Alto, Caga-Fogo: o maciço do Baturité tem como ponto culminante o Pico-Alto, com 1.114,0m (no Ceará, o ponto mais alto é o Pico Serra Branca, na Serra das Matas, município de Monsenhor Tabosa, com 1.154,56m, lat. sul 04° 46' 55", long. 40° 07' 55", *assim* de raposas, terra do Compadre Chico). O Pico-Alto é descampado, mas o seu vizinho, 80m mais baixo, o Caga-Fogo, nome mudado com total infelicidade para Botafogo, é verdejante, tendo recebido aquele nome poético de Caga-Fogo pelo espetáculo, nuvens de vaga-lumes, noite escura, uma festa, quando chove!
9. Vaga-lumes apagados: os vaga-lumes do Caga-Fogo foram "apagados" em 93; é a tragédia, a Seca, a maior do século!
10. Ananias autorizou: Ananias Arruda, humanista, jornalista, "dono" de Baturité, fundador do jornal *A Verdade*, comendador da Santa Sé, beato, a caminho de santo e "Profeta". Poeticamente, fez-se necessária a *autorização* do comendador para que o Compadre pudesse invadir-lhe os redutos e conversar com *suas* raposas.
11. Oi de casa, sou de paz: modalidade sertaneja de saudar. Os códigos, os valores, a terra, a cultura, a identificação, as mensagens do Pai — as senhas: eu sou um dos teus! A etnia: desmancham-se países inteiros em nome da etnia, *remember* Iugoslávia!
12. Irmão Francisco já avisou: Comadre Raposa já fora avisada pelo fax celestial. Fantástico!

Quem sabe, via internet!

13. Pelagra: avitaminose do grupo B, crianças e adultos — humanos, o *sapiens, sapiens* — em Bezerros, Pernambuco, morreram muitos na Seca do 93, de pelagra, manchas na pele, escamas, danos neurológicos irreversíveis.

14. Arrepiei...!: o mitológico, os valores do povo do sertão, a lenda de que a raposa tem três cabelos duros, do Satanás, na ponta do rabo..., daí o medo, a assombração, o susto. Não vale pabular ter avistado, de dentro do automóvel, à noite, a Comadre, mesmo que a curta distância...; só vale se tiver sido "de-pés", na praça da cacimba do gado... (aquela, da Introdução do poema, onde Chico, ainda menino, em companhia do Mitim de dona Cotinha, dominou e matou a cascavel), ou no cercadinho de ajuntar oiticicas (Santa Quitéria, CE), ou num chiqueiro dos bodes; em suma, num recinto fechado. Nenhum bicho mete mais medo no nordestino do que o arreganho/ arrepio da raposa: a agilidade, a leveza, a possibilidade de que ela lhe salte na cara, e de que esteja doida, hidrófoba... Daí, o mito. Foi medão, Comadre!

15. Não tema, compadre, os três cabelos boto de lado: a Comadre sabe, ela também, da lenda dos três cabelos. Sabe que mete medo, como também tem tido o mesmo medo nos seus encontros, nada amistosos, com o Homem. No plano mitológico, tanto quem aparece como quem vê passa pelo mesmo terror. A Comadre, para convencer melhor, prefere não contestar, de imediato, a lenda dos três cabelos, garantindo que os colocará de lado, portanto inofensivos. Com o salvo-conduto do Santo de Assis, a relação, quase sobrenatural, pode avançar.

16. Tá'qui a borracha-de-sola: é uma espécie de saco, como que um alforje, feito de couro curtido, de boi, costurado com correias também de couro, vedado pelo lado de fora com sebo de carneiro-capado. Usada pelos vaqueiros nas *pegas* do gado, para transportar água de beber. O couro transpira, com o que a água, mesmo ao sol quente, fica sempre fresquinha.

17. Passe a mão, Compadre: nada mais fantasticamente amistoso, terno e intimista do que o gesto, a carícia essencial, do "passe-a-mão, amor". Deixe-me alisar os teus braços, meu filho Esaú, disse Isaac, cego, a Jacob, pensando que os braços eram de Esaú. "A voz é de Jacob mas os braços (enrolados com a pele do cabrito, sob o engodo da mãe, Sara) são de Esaú". Quero enfiar minha mão na chaga DELE, disse Tomé. Vem, vem conferir, enfia tua mão em Minha Chaga: ELE. Os tocares, Eros e Afrodite: montes e vales, morros e abismos... "Meu bem-amado passou a mão pela abertura. Meu coração estremeceu." (*Cânt. dos Cânticos* 5, 4)

18. As pequeninas mãos de Anisia-parteira, tão picicadas, um paliteiro, no leito da dor do terceiro enfarte, UTI — no mesmo dia em que este delírio foi produzido, as mesmas mãos do corretivo; "deixe-me apalpá-las, minha mãe, uma massagem de heparina..." Agora tão velhas e tão macias, antes tão bravas e tão severas!

19. As mãos, até segundos antes, de Belzebu e Lúcifer, ante Cæsar (Clinton) assinando a Paz, (13.9.93), agora mãos angelicais, de veludo, maciíssimas, dos antigos *assassinos* um do outro:

— Esta é a tua mão, Rabin!

— Esta é a tua, Yasser!

Israel e Palestina!
Naquele átimo do infinito celestial,
Bach e Händel,
perante Mozart e Beethoven,
regendo-se mutuamente, glorificavam:
Hosana nas Alturas. Ave, Pax!

20. A maldição maior deste fim de século talvez não seja só morrer contaminado, mas o medo:

o medo,
o medo da Intimidade,
a bexiga de látex a

S | E | P | A | R | A | R

21. A Comadre permite ao inimigo milenar, o Homem, representante daqueles mesmos carrascos que lhe tramavam, no Seminário de Guaramiranga, um "raposicídio" sob a chuva dos dez mil panfletos; permitia a Chico o gesto da máxima confiança-intimidade:

— Alise, Compadre,
o meu felpudo rabo
e o sentirás maciíssimo,
um veludo!

— Verdade, Comadre, finíssima seda!

22. Esopo: o "pai" dos fabulistas, grego, séc. VI a.C., foi escravo. É o criador de todo o fabulário clássico, especialmente das maldades contra a Comadre. As fábulas de Esopo foram livremente traduzidas para o latim por Fedro e para o francês por La Fontaine.

23. Fedro: Caio Julius Fedro, 15 a.C. a 50 d.C, também ex-escravo, liberto de Augustus.

24. La Fontaine, Jean de: francês, 1621 a 1695.

25. La Bruyère, Jean de: moralista francês. *Os Caracteres* é sua mais importante obra. Tirou também umas casquinhas para cima da Comadre.

26. Exupéry: outro francês. *O Pequeno Príncipe*. Também se divertiu às custas da Comadre.

27. Agora, o panfleto, a infâmia: a Comadre consegue expressar todo o desespero do perseguido, do procurado, do caçado... A Inquisição, a intolerância política e religiosa, o falso "crime de opinião", o *apartheid*, as ditaduras à esquerda ou à direita, tanto faz... O Homem, eterno perseguido, eterno perseguidor.

28. O que irá dizer compadre Urubu: obviamente, a Comadre, cultíssima, tendo lido Esopo, Fedro e os franceses, sabe que o compadre Urubu, versão nordestina do Corvo, de quem, com engodo, segundo os fabulistas, teria tomado um queijo ("que voz maviosa, compadre urubu, cante só um pouquinho...": *pluft*, caiu o queijo!), fará ele uma grande mangofa ante o panfleto com a cara da Comadre.

— A solidão e o abandono dos caídos! —

29. A angústia: o que irão pensar e dizer os vizinhos, a família, pior ainda, com regozijo, os inimigos! "Bem feito", dirão...! O desespero dos caídos!

30. Só quem está *gorrrdo*: para o compadre Urubu, a Seca é uma safra, com a mortandade de muitos bichos pela sede e pela fome!

31. Não mandou um queijinho?: o Santo não poderia esquecer seu irmãozinho Urubu. Como o Santo patrocinava o encontro, não poderia haver fraudes, daí o Compadre ter confiado a ela própria fizesse a entrega do queijo!

32. Meu *daguerre*, estou tão magra, arripiada, um *shampoo*, uma *mise-en-plis*: *daguerre* é o retrato para o panfleto. Mulher que é, a comadre, mesmo a caminho do cadafalso, há que estar bonita e orgulhosa, daí a ansiedade do *shampoo*, da *mise-en-plis* e do *rouge*, este para disfarçar a profunda anemia causada pela fome.

33. Dez mil panfletos? Ninguém jamais ganhou dez mil panfletos!: a Comadre espantou-se, com justa razão: loucos estão eles!

34. Mico-Leão-Dourado, pobre Raposa Cinzenta: a desigualdade. A Parábola dos Talentos: uns, tão-tão; outros, tão-não; e pior, "porque a todo aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado" (*Mateus* 25, 29).

"Deus não apenas joga dados como às vezes os tira de onde ninguém pode vê-los" (Stephen W. Hawking, *Uma Breve História do Tempo*, Ed. Rocco.)

35. Seria Ele cúmplice, ou tudo obra de um grande acaso?: ocorresse uma Seca, como o sinistro 93, na reserva dos ricos Micos ou dos milionários Pandas, o "Greenpeace", em nobilíssima missão ecológica, já teria mandando intervir a pires-de-leite... Algo mais carinhoso do que o pires-de-leite posto ao alpendre, para quando o "fujão" voltar? Na manhã seguinte, reparar se ele bebeu...: meu gatinho, por onde andará?

36. Comadre, um dia chove: teluricamente, nesta terra seca, um dia chove, é a força mágica que mandou levantar do leito (vide nota 16) dona Anisia-parteira, 82 anos:

— Meu filho, tenho certeza que desta vez não escapo.

Ao que lhe pediu o Compadre:

— Mamãe, não vá morrer nesta Seca, espere chover...

Sempre há, com a chuva, novos projetos. Ao que ela, com uma força poética mil vezes maior e um incrível senso de humor:

— Ah, meu filho, o barro lá de Monsenhor Tabosa deve estar mesmo muito duro... Eu vou esperar..., quero ver chover... Me ajude aqui, vou me sentar.

Resoluta, sentou-se, teve alta e, "bicho da conversa", foi para casa no outro dia, compadres e comadres! (Nota em 22.2.95: choveu no 94, um bom inverno; os roçados foram plantados, os "projetos do barro" — ao pó reverterás — pareciam adiados *sine die*..., e D. Anisia firme e forte por quase mais um ano inteiro. *Despediu-se* a 7.11.94, à glória d'Ele).

37. Nesta terra, o tempo desabando em temporal é sempre tempo-bonito... Bonito-para-chover, eis a chave! Tempo de sol poderá, no máximo, ser tempo bom de praia, mas será sempre tempo feio. Bonito, só de chuva chovendo!

38. Outra vez, Esopo, com a fábula dos filhotes da comadre Coruja: "Compadre Gavião, os filhotes mais bonitos da floresta são meus... Não os coma!"

39. Canapum: Canapu(m), solanácea, espécie de tomate amarelo, selvagem, pouco maior do que uma uva Itália. Os canapuns e os maxixes são as primeiras "frutas" que chegam logo após o início das chuvas: "Eis que vos farei chover pão do céu" (*Êxodo*, 16, 04).

40. Rasteiros, são seus: em paralelo à fábula milenar *A Raposa e as Uvas*.
41. Um rio que vão puxar: Rio São Francisco. Projeto de irrigação para a região assolada pela Seca, o Ceará.
42. Do tamanho de um oiti: poeticamente, um exagero, é claro, mas as uvas do vale do São Francisco têm padrão internacional, as melhores do mundo!
43. Maduras, compadre?: depois de uma espetacular reticência, a milenarmente sofrida, vencendo a guerra da sobrevivência, mercê de sua fina inteligência e da incrível capacidade de "escape", a Comadre arrisca a pergunta: maduras?
44. Ora, não fora ela que dissera, em Esopo, que aquelas outras, maduríssimas porém inalcançáveis, estavam "verdes"?
45. Maduras, comadre: a resposta dá-lhe um novo alento para continuar.
46. Baixinhas, compadre? Sim, baixinhas, arrastando no chão!
47. Como é que é tão fácil, eles não "atrepam" os galhos? A Comadre se assombra: como é que pode? E o Pecado Original?... O Paraíso teria voltado?
48. ELE teria mandando revogar a Maldição? (*Gên.* 3, 17).
49. O homem, este minúsculo ser, teria deixado de ser um mero brinquedo nas mãos do Destino?
50. O *Livro de Job* estaria sendo reescrito? Segundo Elie Wiesel, prisioneiro de campo de concentração, pacifista, prêmio Nobel da Paz de 1987, segundo ele o *Livro de Job* seria o poema máximo da humanidade e ali se retrataria um assombroso divertimento entre o Bem e Mal, para ver quem podia mais.
- Você o atinja, atinja tão profundamente quanto possível — teria dito o Criador a Satanás — e meu fiel servo Jó não Me renegará...
- Ora, bastam umas quatro Secas, tipo 93 — disse Satanás — e ele Te amaldiçoa!
51. Instalaram, Ambos, o Circo, o grande Circo da Vida, e foram-se divertir às custas do velho Jó!

Em tempo:
em Jó, o Bem venceu!
Fantástico, às vezes vence!

52. A Comadre desconfia: deve haver algo errado, pois Kafka não deixara comprovado que todos nós, raposas inclusive, somos sempre culpados de alguma coisa, de algo que não sabemos bem de que, sempre culpados e, como tal, merecedores do Castigo?

53. Como seria possível uvas, do tamanho de um oiti, dulcíssimas, arrastando no chão e... ainda mais... maduras?

A Providência plar.ta engodos para colher esperanças...

54. Eles acabaram com as raposas: pronto, aí está a chave! A Comadre percebe o engodo, a armadilha a que foi levada: a acreditar, nesta vida, no retorno do Paraíso!

55. Só a cada qual, somente a si mesmo, compete saber administrar os Talentos de modo que esses engodos possam se transformar, nem que seja por um ínfimo momento, em algo aproveitável: o ato heróico!

56. A chave-mestra está em Hegel, em nome de quem já escreveram todos os disparates, os mais antagônicos possíveis e, pior, experimentaram-nos em cima da pobre raposa de dois-pés, o Homem!

57. O Herói arrisca necessariamente a própria vida pelo reconhecimento; o escravo nada arrisca, mas, em compensação, jamais será reconhecido:

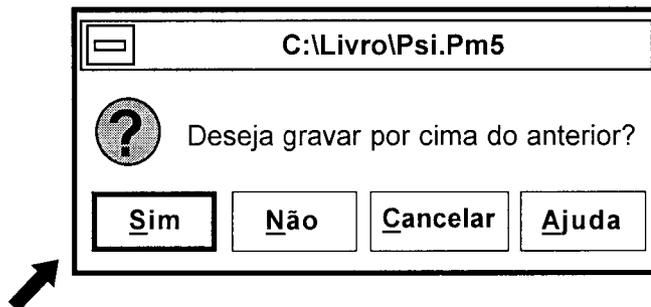
Só arriscando a vida que se obtém a liberdade; só assim se julga e se prova que a natureza essencial da autoconsciência não é a simples existência, não é a forma meramente imediata em que ela aparece pela primeira vez... O indivíduo que não arriscou a vida pode, sem dúvida, ser reconhecido como pessoa; mas ele não alcançou a verdade desse reconhecimento como uma autoconsciência independente (Georg W.F. Hegel, in A Fenomenologia do Espírito, apud O Fim da História e do Último Homem, Francis Fukuyama, Ed. Rocco, pág. 183).

58. Sei que o Compadre trouxe a máquina: o desespero da Comadre é tão grande que ela passa a ver no Compadre que ali estava em missão santificada, em nome de Francisco, para defendê-la, todo o desfile de maldades de que milenarmente tem sido vítima. Você também é inimigo, e aqui veio para bater a fotografia para os panfletos... Ande logo, se apresse... Que eu beba logo esse cálice!

59. Ômega & psi: a grande tragédia tem sido acreditar cegamente em ômega: quantos dias durou o "Reich de Mil Anos"? *Sic transit...!* Do Lêmure ao *Sapiens-sapiens*, quem e quando será o próximo? (Richard E. Leakey, "in" A Evolução da Humanidade, Ed. Melhoramentos).

Quem falou em evolução? Os gregos eram melhores...
Mudanças, somente mudanças, o recriar, por sobre...

60. Para simbolizar a nova Deusa, a Informática, e o seu sumo-sacerdote, o Soft, o melhor símbolo deveria ser o Ψ que se traduz magistralmente na quadricula mágica da máquina:



61. E, no modelo da telinha, real, o cursor (a setinha) dança atrevido, livre para pousar em qualquer uma das teclas: a do "sim", por exemplo, e tudo que existia naquela construção anterior virou cinza, ao pó reverteu, sob a nova (re)construção...
62. Ninguém se dá conta da recriação? Assim tem sido, uma civilização, não necessariamente melhor, sempre substituindo outra, não necessariamente inferior... Assim será!
63. O "dez" versus o "nove": o nove, aqui poeticamente psi, sempre se renova, como que uma junta da dilatação, sempre permitindo os ajustamentos.
64. O dez, simbolicamente o ômega, pleno, unânime, é porém... totalitário, não dá espaço! Sem as minorias, sem aquele insignificante um que só aparentemente estaria faltando ao dez, não há liberdade!
65. Sem liberdade, não há criatividade, o que explica o atraso de quem vive ou viveu sob a camisa de força, à direita ou à esquerda, tanto faz!
66. Eis o fogo e a lenha: Isaac, inocente, depois de pronta a fogueira, pergunta ao pai, Abrahão, onde estaria o cordeiro para o sacrifício..., quando o cordeiro seria ele próprio.
67. Varsóvia, no gueto: Segunda Guerra Mundial, o Holocausto, os horrores do Nazismo. Eles, os do Gueto, resgataram!
68. Toledo: defesa do alcázar de Toledo, 21 de julho a 27 de setembro de 1936, Guerra Civil Espanhola.
69. Massada: durante a revolta dos judeus contra Roma (70 d.C.), os heróis, perdidos, destruíram todos os seus pertences, antes de se matarem uns aos outros, mas deixaram intacto um bom estoque de grãos para demonstrar aos romanos que ainda dispunham de suprimentos e que não morriam por desespero! Massada resgata quase todas as covardias do "sapiens, sapiens".
70. Termópilas: Grécia, Esparta, 480 a.C., sob Leônidas, os bravos lutaram até o último homem!
71. Canudos: (Brasil) sob o comando místico de Antônio Conselheiro. Ordem do Dia de 5.10.1897, dos soldados equivocados: "é para lamentar que o inimigo fosse tão valente..." Lutaram, heroicamente, até o último homem, Canudos, Conselheiro... Glória!
72. Caldeirão: (Beato Lourenço, Ceará, 1937 e 1938, vide em Cláudio Aguiar, Caldeirão, Editora Tempo Brasileiro) grupo de fanáticos armados de porretes e facas-peixeiras foram metralhados e bombardeados pela força aérea; a força de terra degolou os restantes. Genocídio nacional, Brasil.
73. Petrogrado: cerco dos nazistas, segunda guerra mundial.
74. Paraguai: trucidamento de um povo. Resistência até o fim, Solano Lopez!
75. La Moneda: Salvador Allende, Chile, recusou a rendição.
76. Mandela, Nelson: herói, negro, África do Sul, condenado à prisão perpétua, recusou a liberdade em troca da renúncia a uma causa. Libertou seu povo do *apartheid*. Prêmio Nobel da Paz, compartilhado com o antigo inimigo, da minoria branca, Frederick le Klerk, indiscutivelmente também herói. Mandela condenado à prisão perpétua, escutava diariamente: o portão está aberto, sai, és livre; em troca, passa na portaria e assina uma declaração dizendo que renuncia aos teus valores; és livre, podes sair! E agüentou! Negro, de uma raça inferior (como é que ainda há alguém que se atreve a dizê-lo?). Como é que teve e de onde tirou tanta força? Quem, branco, vermelho ou amarelo, já teve tanta? Orgulho da raça, não só da Negra, mas de toda a Raça Humana!
77. Não estou doida, normal: a angústia de parecer normal aos olhos de si e aos do semelhante. Quem é normal, como é normal, qual é o padrão normal? (*O Alienista*, Machado de Assis.)
78. Adolfo Lutz: centro de pesquisas médicas, Brasil, padrão internacional.

79. Big-Bang: teoria da criação do Universo, mediante a grande explosão, o Big-Bang, há cerca de 15 bilhões de anos. Essa espetacular energia da criação estaria circulando por aí, infinitamente... Pois foi essa energia que a Comadre captou no instante glorioso do arranque contra o tirano. Assim são os heróis: donde tiram tanta força? A Comadre, tão fraquinha, os pelos caídos, magra, pelagra, caquética, só pode ter sido do Big-Bang!

80. Fugiu o tirano: o tirano, no fundo, é um frouxo. Bastou-lhe o arranco da Comadre para fugir todo mijado. Assim tem sido: a tirania de Honnecker, ao pé do Muro que imaginara Ômega, alquebrado, fugindo para o Chile...

81. A perfeitíssima máquina de torturar, com sua "grade" e o "desenhador", vide *A Colônia Penal*, outra vez Franz Kafka: bastou um simples rapa-pé (sê justo!), infinitamente menor do que o da Comadre, e a máquina desmanchou-se toda, por conta própria, fantástico; inicialmente, uma simples arruela, depois um parafuso pequeno, outro maior..., até que não lhe restasse nada de pé!

82. Naquele mesmo cenário, desse profundíssimo drama da existência humana, algoz e vítima, a liberdade e a tortura, o pesquisador indagara do carrasco:

— Estaria sendo assegurado à vítima o Direito (Beccaria) de Defesa?

— Seria um absurdo, senhor pesquisador, o acusado se defendesse, pois cometeria novos crimes, inventando novas mentiras para demonstrar que não cometeu o crime(?) que, temos certeza, cometeu. Sempre temos certeza... É colocá-lo sob o "desenhador"... e, em benefício dele próprio, executar a setença (respeitar o superior) o mais rápido! O tirano sempre tem certeza!

83. Num rastro de panfletos derramados: é incrível como são frágeis, quando caem, os regimes totalitários. Os arquivos dos inimigos às moscas..., agora derramados. As fichas dos inimigos, algumas as mais ridículas, passam a ser objeto de pura zombaria! Os "crimes" anotados, meras notícias de jornal e mexericos dos invejosos — é a regra geral! Desmitificam-se os velhos heróis..., novas forças se alevantam..., novos barões e novas armas assinalados! E, muitas vezes, o pior, novos "coronéis", novos tiranos, e tudo recomeça para novamente reconstruir!

Ψ ψ, outra vez, pleno da força recriadora: criando... por sobre!

84. Será melhor? Não está em jogo! Os ideais da Revolução Francesa, por certo, eram melhores do que a tirania de Napoleão! Ironia: enquanto a Comadre se preocupava com a aparência (*mise-en-plis e rouge*) para poder tirar os retratos, os panfletos, com retrato e tudo, já estavam impressos há muito tempo, tanto que caíram derramados na fuga do tirano. São assim mesmo os serviços secretos...: a vítima nem se dá conta! *Habeas Data*? É um mínimo de garantia da cidadania.

85. Escureceu e choveu: a chuva foi o fato extraordinário a encerrar, *cum laude*, a luta. Choveu, vamos plantar..., o tirano também!!!

86. Hesitante ventilado borrifo...: é assim mesmo quando começa a chover por aqui..., a gente mal acredita..., e ao calor dos trópicos vem chegando hesitante um borrifo fresco e, ainda vacilantes, as primeiras gotas...

87. Apagou todos os rastros..., é a Anistia... Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos... Yom Kipur! Israel e Palestina!

88. Será real (13.9.93), ou mais um engodo da Providência?

89. Desmancharam-se nas poças turvas: as primeiras águas da chuva formam poças turvas..., as feridas demoram a cicatrizar, vez por outra uma tentativa de reabrir uma antiga questão, um rápido arreganho..., é assim mesmo!

Futuras águas,
o esquecimento,
ninguém fala mais nisso!
Assim tem sido !

90. Urupemba: (Ceará) peneira grande feita de palha de carnaúba, muito usada nas casas de farinha e nas lides do café. Uma delícia uma tapioca (peneirada na urupemba) com o café, quentinho, do maciço do Baturité, dizem que o melhor, quando chove, pois é quando tem, é claro!

91. Nota final: por favor, faça uma releitura do poema.

Colofão: Este poema (exceto as notas) foi composto na noite do dia 12 de novembro da Seca do 93, em Fortaleza. Toda a inspiração foi, única e exclusivamente, a notícia de saúde pública sobre raposas flageladas pela Seca, publicada nos jornais de Fortaleza, no mesmo dia 12 de novembro, e transcrita, em xerox, no início do poema.